

Centro treina profissionais em Nova York

GABRIELA ATHIAS

A professora de Nova York Lorraine Monroe especializou-se em transformar alunos pobres, afro-americanos e hispano-americanos, tidos como fracassados, em calouros das melhores universidades. A receita: aproximação entre professor e estudante. Lorraine esteve no Brasil a convite do governo do Paraná, participando de um encontro sobre educação e cidadania.

“A educação é a única possibilidade que as crianças pobres têm de mudar de vida; a escola, para elas, é tudo”, diz Lorraine. Para ela, é fundamental que o professor conheça os problemas dos alunos para que possa ajudá-los.

Escolas de subúrbio nos EUA, como as do Harlem, atendem alunos pobres provenientes de famílias desestruturadas: 65% vivem em lares chefiados apenas por mulheres. Entre essas famílias, 57% ganham até US\$ 10 mil por ano. Naquele bairro, 80% dos alunos

são afro-americanos e 20%, latinos.

Lorraine, que é doutora em literatura inglesa e em administração para educação, foi durante seis anos professora do 2.º grau de alunos com esse perfil, mas deixou a sala de aula quando 96% dos seus alunos foram aceitos (com bolsa) em algumas das melhores universidades americanas. Desde então, passou a ser presidente de um centro de treinamento, School Leadership Academy, em que orienta diretores de escolas do subúrbio. O centro é financiado pela iniciativa privada.

Cada diretor tem direito a matricular três funcionários. Este ano, a academia está treinando 9 diretores e 27 professores, o que, por extensão, significa o atendimento de 6 mil alunos. Os profissionais recebem orientação sobre como inter-

vir em conflitos, preparar atividades e lidar com a situação social dos adolescentes. A primeira etapa do trabalho com os alunos é a reconstituição da auto-estima. “Quando várias pessoas repetem todos os dias que você é inteligente, você acaba acreditando”, afirma.

E se o professor encontrar numa classe de 2.º grau um aluno que não consegue fazer as quatro operações de matemática, o que fazer? “Ensina-lo, é claro”, diz Lorraine. “Imagine que você foi ao médico; em vez de lhe apresentar uma proposta de

cura, ele começa a repetir que não pode fazer nada porque você está muito doente”, diz Lorraine. “É isso o que costumam fazer os professores diante de um aluno fraco de conteúdo; nossa obrigação é ensiná-lo”, conclui.

E SPECIALISTA DIZ
QUE É PRECISO
ACREDITAR NO
ALUNO